

Mapeamento das vozes e dos sentidos sobre a mudança climática em dossiê da revista *Galileu*

Rafael Rangel Winch¹

Resumo: O objeto de estudo deste artigo é o discurso sobre a mudança climática da revista *Galileu* construído em dossiê acerca do tema publicado em 2016. Nosso objetivo é analisar a construção discursiva dessa matéria especial, mapeando as vozes e os sentidos referentes à problemática do clima. Para tanto, nos ancoramos conceitualmente e metodologicamente em contribuições da Análise de Discurso de linha francesa (AD) e nas noções de locutor e enunciador desenvolvidas pelo filósofo da linguagem Oswald Ducrot. Os resultados da análise são tensionados com pressupostos teóricos do sociólogo Enrique Leff e com perspectivas dos estudos sobre Jornalismo de revista.

Palavras-Chave: Jornalismo. Mudança Climática. Discurso. Vozes. Revista *Galileu*.

1. Introdução

A alteração climática é um problema de caráter multidimensional, que reúne fatores e implicações científicas, políticas, econômicas, ambientais, culturais e éticas (CARVALHO, 2011). Por ser uma prática – social e discursiva – historicamente vinculada a finalidades e valores nobres e democráticos, o Jornalismo ocupa uma posição autorizada a construir sentidos sobre temas, situações, acontecimentos e problemáticas de grande impacto, tais como a alteração do clima (WINCH, 2017).

Neste trabalho, intencionamos mapear as vozes e os sentidos sobre a mudança climática presentes em um dossiê da revista *Galileu*. A matéria especial foi publicada no ano de 2016, sendo um dos destaques da capa da edição número 304. O artigo está organizado da seguinte forma: a) refletimos sobre a mudança climática no contexto da crise ambiental contemporânea, sobretudo a partir da perspectiva do sociólogo Enrique Leff; b) discorreremos sobre alguns aspectos do Jornalismo de revista e destacamos peculiaridades editoriais da

¹ Jornalista. Doutorando em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista Fapescc/Capes. E-mail: rangelrafael16@hotmail.com

Galileu; c) discutimos noções como discurso e vozes, explicamos nossa ancoragem metodológica, apresentamos nossas categorias de análise e discutimos os resultados da pesquisa; e d) por fim, tecemos breves considerações finais acerca do estudo.

2. Racionalidade instrumental e problemática do clima

De acordo com Vianna (2010), a mudança climática se caracteriza como a dimensão mais urgente, mais grave e mais profunda da crise ambiental do século XXI. Esse fenômeno, cada vez mais, vem assumindo um status de assunto de primeira ordem na agenda política mundial, reivindicando, assim, tratamento imediato e resoluções concretas. Trata-se de um problema que não apenas traz suas próprias consequências (efeitos específicos do fenômeno), como também contribui para o agravamento de outras problemáticas ambientais já existentes. Observada por esse viés, a alteração do clima é compreendida dentro de um contexto de crise ambiental, isto é, em relação a outros processos de exploração e degradação do meio ambiente que incluem a desertificação, a poluição do ar e das águas e a perda da biodiversidade, entre outros eventos.

Para além dos efeitos concretamente percebidos, como a extinção de espécies de plantas e animais, o aumento da temperatura média dos oceanos e a ocorrência de desastres e catástrofes em diversas regiões do planeta, a crise ambiental que contorna e acelera a problemática do clima também deve ser reconhecida e analisada como uma crise do conhecimento, segundo postula o sociólogo ambientalista Enrique Leff. Na perspectiva desse autor, trata-se de uma “dissociação entre o ser e o ente à lógica autocentrada da ciência e ao progresso de racionalização da modernidade guiado pelos imperativos da racionalidade econômica e instrumental.” (LEFF, 2006, p. 13).

Seguindo na esteira do pensamento de Leff (2006), compreendemos que, entre as raízes da crise ambiental, destaca-se o próprio paradigma dominante da sociedade contemporânea oriundo de uma racionalidade econômica que desnaturaliza o meio ambiente e reduz a natureza a mero insumo produtivo de recursos naturais e matérias primas. Esta visada teórica do autor nos alerta para o fato de que não podemos compreender a intensificação dos desequilíbrios ecológicos de forma isolada, sendo necessário entender que o crescimento econômico e o avanço tecnológico, muitas vezes, trazem consigo o aumento da pobreza, das desigualdades, dos conflitos sociais e da ampla degradação ambiental. Conforme argumenta o sociólogo, esse conjunto de fatores permite reconhecermos a problemática ambiental como uma crise de civilização, que não poderia ser solucionada por meio da racionalidade teórica e

instrumental que constrói e destrói o mundo.

A mudança climática, bem como outros problemas relacionados ao meio ambiente, não são, portanto, componentes isolados do que reconhecemos como crise ambiental, como se tratasse meramente de uma sucessão de dilemas apartados da nossa forma de ver e agir sobre o espaço social. Na verdade, as questões ambientais que hoje clamam por atenção também vêm representar materialmente um questionamento explícito acerca do pensamento e das ações historicamente dominantes. Além disso, é preciso entender que estamos diante de uma série de sucessivas degradações que não possuem uma causa unicamente natural. Pelo contrário, como explica Leff (2010), a crise ambiental é resultado, sobretudo de uma transformação da natureza induzida pelas concepções filosóficas, científicas, éticas e tecnológicas no mundo.

A crise ambiental é o resultado do desconhecimento da lei (entropia), que desencadeou no imaginário economicista uma “mania de crescimento”, de uma produção sem limites. A crise ambiental anuncia o limite de tal projeto. Mas, justamente por isso, sua solução não poderia basear-se no refinamento do projeto científico e epistemológico que fundou o desastre ecológico, a alienação do homem e o desconhecimento do mundo. (LEFF, 2010, p. 21)

Vasculhar e analisar as origens das nossas “formas de ser” no mundo é uma das maneiras possíveis para uma compreensão crítica e questionadora acerca da crise ambiental, processo marcado por uma lógica unitária, bem como por um pensamento científico objetivo e hegemônico (LEFF, 2006). A racionalidade econômica, científica e instrumental perpassa e deixa suas marcas nos discursos de diversas instituições sociais – também posicionadas como sujeitos a partir dos processos discursivos – incluindo a jornalística, que muitas vezes não identifica e tampouco questiona as interconexões conflitantes que integram os acontecimentos relacionados ao meio ambiente.

Para Leff (2010), o vínculo da ciência com a produção foi crucial para orientação do conhecimento rumo a um processo econômico gerenciado pela globalização do mercado. Com base na racionalidade instrumental, o mundo é coisificado e pensado a partir dos mecanismos das forças produtivas fundadas no domínio da tecnologia. “Surge daí o reconhecimento da necessidade de internalizar as condições de sustentabilidade do processo econômico.” (LEFF, 2010, p. 43), ao mesmo tempo em que se revela falho o projeto positivista que ambicionava, a partir do conhecimento científico, emancipar o homem da ignorância e aproximá-lo da verdade e da razão.

Em termos técnicos, a problemática do clima mantém vínculos com o aquecimento

global do nosso planeta, resultado, sobretudo, da emissão excessiva de gases causadores do efeito estufa na atmosfera, tais como o dióxido de carbono (CO²), massivamente produzido a partir da queima de combustíveis fósseis como petróleo, carvão e gás natural. Esses três combustíveis correspondem a mais da metade das fontes de energia do mundo, formando a base da atividade industrial e dos transportes. Apesar das expressões “aquecimento global” e “mudança climática” serem utilizadas, muitas vezes, como questões equivalentes, cabe o entendimento de que o primeiro é apenas uma das várias facetas do segundo (BOYKOFF, 2011), sendo imprescindível reconhecer as particularidades de cada processo para não tomar a parte pelo todo. A seguir, discutimos aspectos referentes ao Jornalismo de revista e evidenciamos peculiaridades da publicação *Galileu*.

3. Marcas do Jornalismo de revista e da *Galileu*

A revista, apreendida como produto jornalístico e meio de comunicação (TAVARES, 2011) possui uma temporalidade alargada e mais flexível que a do jornal, tendo em vista que se importa com as novidades, mas não reduz sua produção estritamente ao imediato e factual. Outra marca da revista é sua apresentação como veículo autorizado e especializado em falar sobre algo, como um espaço capaz de conferir tratamento especial aos fatos (detalhes, contrapontos, contextos, curiosidades e inúmeros recursos visuais). Consequentemente, esse tipo de publicação assume para si a tarefa de ajudar os leitores em seu cotidiano, na sua vida prática (SCALZO, 2008).

Por almejam obter reconhecimento e prestígio, as revistas orientam suas produções considerando contextos socioculturais específicos, sempre pensando em como conquistar um dado público, este podendo ser amplo ou mais reduzido. Para Benetti (2013), a revista estabelece uma relação direta e emocional com o leitor, muitas vezes, com base em uma linguagem mais intimista e interpelativa. O chamado fazer “revistativo” (TAVARES, 2011) está contornado por um jogo de expectativas e reconhecimentos com o sujeito leitor, onde sua identidade é acionada e enfatizada constantemente. A interação entre veículo-leitor ocorre de maneira particular quando se trata de Jornalismo de revista, uma vez que as publicações devem ocupar os vazios informativos deixados pela cobertura diária (VILAS BOAS, 1996) e provocar sensações que mantenham os leitores interessados em seus conteúdos ofertados.

No universo das revistas, algumas publicações são criadas ou até mesmo transformadas para atingir determinados públicos. Por meio da segmentação, os veículos trabalham com interesses específicos (moda, ciência, celebridades, economia, esporte,

política, saúde, entre outros) conforme a demanda de uma comunidade de leitores. Como explica Tavares (2011), a segmentação não se dá apenas pelo recorte de público, mas ainda de especialidade temática, de competências profissionais e discursivas. Dito de outra forma, uma revista segmentada é feita para uma audiência específica e, por isso, exige textos, abordagens e coberturas particulares.

As condições de produção que possibilitam a aparição de determinados sentidos no trabalho jornalístico-discursivo das revistas estão distribuídas em diferentes dimensões das publicações. Essas condições estão atreladas ao contexto editorial, institucional, mercadológico e também à conjuntura social em que as revistas se inscrevem. Como nos lembra Tavares (2008, p. 8), “a revista não está isolada, avessa à sociedade. Sua conformação enquanto mídia, também se dá no que nela há de social e no que ela ‘envia’ ao social”. É necessário lembrar, ainda, que o discurso jornalístico presente nas revistas possui um estatuto informativo peculiar devido a uma série de especificidades, como a já referida questão da temporalidade.

Existente no mercado brasileiro de revistas desde 1991, a revista *Galileu* é uma publicação mensal da Editora Globo. Em seus anos iniciais, o veículo tinha o nome de *Globo Ciência*. Já na primeira edição, o editorial destaca que seu foco seria a produção de diversos conteúdos, incluindo reportagens aprofundadas relacionados à ciência e à tecnologia. No ano de 1998, na edição número 86, trouxe novas alterações visuais e editoriais, passando a apresentar o nome que mantém até hoje. Nestes quase trinta anos de história, Galileu já teve várias mudanças gráficas e editoriais. O redesenho mais recente ocorreu no final de 2015, quando a revista trouxe como matéria de capa o tema da identidade de gênero. Desde então, a capa do periódico possui um cabeçalho no topo - sempre em preto em branco - no qual há o logo da marca e da editora, as chamadas e o selo. Para além da mudança no layout, editorialmente falando, a revista passou a investir mais em temas considerados polêmicos. Novas seções foram criadas, como a "Antimatéria", "Lado a Lado", "Dentro da Caixa" e "Fora da Caixa". Com as recentes reformulações, *Galileu* se aproximou mais de questões relacionadas ao cotidiano do leitor, ainda enfatizando o viés científico, uma de suas marcas históricas, mas agora com uma atenção maior em aspectos comportamentais.



Figura 1: Mudanças gráficas e editoriais na revista Galileu

Galileu se destaca no mercado brasileiro de revistas, especialmente no segmento científico. Sua principal concorrente é a *Superinteressante*, publicação da Editora Abril surgida em 1987. Nos dizeres sobre si, *Galileu* se apresenta como um veículo diferente, que apresenta assuntos, ideais, pessoas e instituições que valem a pena serem conhecidos. Além disso, a revista diz levantar a bandeira da inteligência, despertando a curiosidade do leitor e tratando assuntos relevantes a partir de abordagens aprofundadas, mas ainda de fácil entendimento. Atualmente, de acordo com sua mídia kit, *Galileu* possui cerca de 96 mil exemplares em circulação, sendo mais de 80 mil assinantes e o restante vendido em bancas. Outros dados mostram que 75% da audiência da publicação pertencem às classes A e B e que 52% são mulheres e 48% são homens. A maior parte dos leitores tem entre 25 e 34 anos de idade.

Neste trabalho, como já dito na introdução, mapeamos e analisamos as vozes e os sentidos sobre a mudança climática que compõem o Dossiê Clima. Essa seção é descrita por *Galileu* como um tipo de matéria que explica um tema de forma profunda e dinâmica, trazendo vários pontos de vista. Esse dizer sobre si da revista é importante porque nos permite observar, analisar e comparar criticamente o que o veículo diz fazer e o que ele faz efetivamente. Na sequência do artigo elucidamos brevemente nossa ancoragem metodológica e apresentamos os resultados e a discussão da análise.

4. Vozes e sentidos sobre a mudança climática no dossiê de *Galileu*

Para mapear as vozes e os sentidos sobre a mudança climática no dossiê da revista *Galileu*, empregamos noções do escopo teórico-metodológico da Análise de Discurso de linha francesa (AD). Na perspectiva conceitual dessa corrente discursiva, compreendemos o discurso jornalístico como uma modalidade do “discurso sobre”. De acordo com Mariani (1998), esse tipo de discurso atua na institucionalização dos sentidos, baseando sua produção de enunciados no domínio do referente. Além disso, o discurso jornalístico não pode ser tomado como algo fechado em si, como se tivesse um término. Ao contrário, ele está sempre em curso, em movimento,

perpassado por memória (por ditos em outros lugares) e uma exterioridade que lhe é constitutiva.

O discurso jornalístico pode ser reconhecido como formador de redes interdiscursivas por meio de retomadas, réplicas, atualizações e deslocamentos de ditos já enunciados, de discursos oriundos dos mais diversos campos sociais (SCHWAAB; ZAMIN, 2014). Juntamente a tal compreensão, vale entender que as vozes e os sentidos produzidos e amplificados pelo discurso jornalístico não estão dissociados das dimensões técnicas, estéticas, editoriais e institucionais dos produtos e dos veículos, bem como das rotinas da prática jornalística com regras, lógicas e critérios profissionais. Especialmente o discurso do Jornalismo, tomado como gênero discursivo particular (BENETTI, 2008), é um discurso com grande potencial para ser polifônico, isto é, agregador de uma multiplicidade de vozes. Cabe ressaltar que, na ótica da AD, a chamada pluralidade de vozes não se refere diretamente à diversidade em termos de fonte de informação humana, indivíduos empíricos que podem ser categorizados em tipos como oficiais, especialistas, testemunhais, entre outros. Pensar na multiplicidade vozes exige uma compreensão acerca da polifonia, conceito que se refere à diversidade de pontos de vista diferentes e até mesmo contraditórios.

Baseando-se na teoria polifônica do linguista francês Oswald Ducrot, Benetti (2006) sinaliza a existência de pelo menos duas instâncias de definição das vozes de um discurso. A primeira instância diz respeito aos *sujeitos locutores*, isto é, ao “quem fala” num dado dizer². O mapeamento dos locutores evidencia os responsáveis concretos e imediatos dos enunciados. A segunda instância de definição das vozes é mais complexa e se refere ao mapeamento dos *sujeitos enunciadore*s, ou seja, à perspectiva (ponto de vista) a partir da qual os dizeres são constituídos. Toda perspectiva é conformada por inscrições culturais, sociais e históricas, elementos que analiticamente podemos reunir em torno de formações discursivas e ideológicas (BENETTI, 2006).

Tendo em vista as noções teóricas supracitadas, nosso primeiro movimento metodológico foi a leitura atenciosa do Dossiê Clima, observando o espaço concedido ao produto e os elementos que acompanham o texto verbal da matéria. O especial ocupa 8 páginas da edição número 304 da *Galileu*. Há uso expressivo de infográficos, sendo quinze no total. Além disso, o dossiê apresenta algumas ilustrações relacionadas à parte em que revista explica como o seu leitor pode contribuir para mitigar a mudança climática (FIGURA 2). Observa-se que a matéria não traz nenhum tipo de fotografia e que os tons das páginas se concentram em três cores: azul celeste, preto e branco.

² Além do sujeito locutor, essa primeira instância comporta também o “para quem” o texto se dirige (alocutário) e “de quem” se fala (delocutário). O alocutário pode ser um interlocutor definido em uma conversação ou um alocutário anônimo, como costuma ocorrer na comunicação midiática. O delocutário pode ser compreendido como o referente, ainda assim um sujeito como explica Benetti (2006).

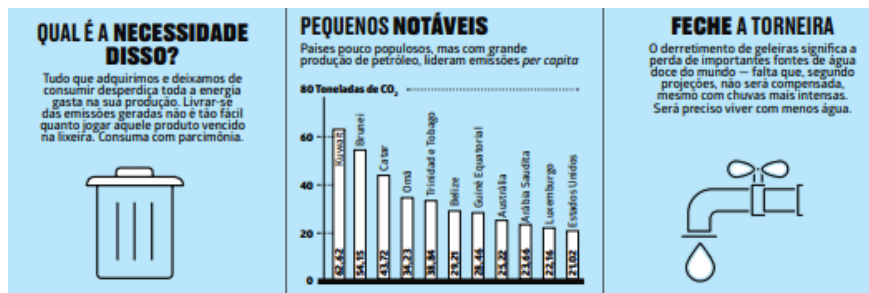


Figura 2: Exemplo de elementos visuais do Dossiê Clima

Após uma compreensão geral dos elementos que compõem o dossiê, passamos a localizar os locutores da matéria. Nesse nível da análise mapeamos aqueles sujeitos que se apresentam ou são apresentados como responsáveis imediatos pelos dizeres. Vale mencionar que identificamos os locutores por meio de citações diretas e indiretas. Estas últimas são reconhecidas especialmente a partir de verbos que denotam entrega de palavra, como falar, afirmar, dizer, declarar, citar, entre outros. Os locutores aparecem no dossiê apresentados com seus nomes próprios, como também por expressões amplas e genéricas, como "cientistas" "estudo" e "previsões científicas". A repórter que assina a matéria também é contabilizada como um sujeito locutor, sendo responsável não apenas por assumir vários dizeres, mas organizar e conduzir a construção discursiva do dossiê. Logo, nosso mapeamento localizou dezesseis sujeitos locutores. Dentre eles, doze são locutores pertencentes à esfera científica, o que de antemão já evidência o forte viés da ciência na produção de sentidos sobre a mudança climática no dossiê da revista.

Realizada a identificação dos locutores, fizemos uma nova leitura do *corpus* para mapear os enunciadores do discurso sobre a mudança climática no dossiê de *Galileu*. Como já explicado acima, os enunciadores se constituem como perspectivas dos dizeres, isto é, pontos de vista que os locutores assumem na produção discursiva³. Tal nível da análise exigiu uma leitura cuidadosa de cada enunciado que integra a matéria. Assim, localizamos 5 enunciadores específicos que estão descritos logo abaixo.

- a) *A mudança climática como fenômeno evidente (E1);*
- b) *A mudança climática será ainda pior no futuro (E2);*
- c) *A mudança climática pode ter algum lado bom (E3);*

³ Vale sublinhar que nosso gesto interpretativo se inspira na análise desenvolvida por Flores (2011) que analisa como a revista *Galileu* constrói a identidade da Ciência. Na ocasião, a autora também mapeou e problematizou os locutores e enunciadores no discurso da publicação, embora com outro objetivo de pesquisa.

- d) A mudança climática é um problema assimétrico (E4);
 e) A mudança climática tem a ver com nossas ações (E5).

O Quadro 1, a seguir, mostra quem são os sujeitos locutores e os sujeitos enunciadorees assumidos no dossiê sobre a mudança climática em *Galileu*. Destacamos os locutores que fazem parte da esfera científica.

Locutores	Enunciadores
L1 – Repórter	E1, E2, E3, E4, E5
L2 – Levantador de peso Davi Atomato	E2
L3 - Cientista Ed Hawkins (ciência)	E1
L4 – Pesquisador Mckenzie Funk (ciência)	E3
L5 – Pesquisadora Mariana Nicolleti (ciência)	E3
L6 – ONG Arctic Institute (pesquisa)	E2
L7 – Relatório Stern (ciência)	E2
L8 – Pesquisadores dos EUA (ciência)	E2
L9 – Pesquisadora Andrea Santos (ciência)	E5
L10 – Estudo (ciência)	E1
L11 – Cientistas I (ciência)	E2
L12 – Cientistas II (ciência)	E5
L13 – Indígena não identificado	E1
L14 – Previsões científicas (ciência)	E2
L15 – Ativista Márcio Santilli	E1, E2, E3
L16 – Instituto de Energia e Meio Ambiente (ciência)	E5

Quadro 1: Locutores e Enunciadores do Dossiê Clima
Fonte: Autoria própria

O Quadro 1 sintetiza como os locutores se relacionam a determinados pontos de enunciação (enunciadores). Verifica-se que, na maioria dos casos, cada locutor possui seu dizer conformado por um único enunciador. Há, contudo, exceções: o locutor repórter (L1) assume os dizeres dos 5 enunciadores e o locutor ativista Márcio Santilli (L15) se desdobra em 3 enunciadores. Isso evidencia que a construção discursiva do dossiê confere posições específicas para cada tipo de locutor, isto é, cada sujeito fala a partir de um ponto de vista

determinado, destacando uma dimensão específica da mudança climática. A jornalista aparece como não somente produtora de dizeres diversos sobre a questão, mas como articuladora das diferentes – e não necessariamente – excludentes perspectivas dos demais sujeitos. Nos próximos parágrafos, exemplificamos algumas sequências discursivas (SDs) de cada enunciador mapeado. É importante sublinhar que cada SD é considerada um fragmento e recorte de um processo discursivo maior (anterior e exterior ao texto). Ademais, embora delimitamos pontos de enunciação específicos para fins analíticos, compreendemos que os dizeres dos sujeitos enunciadorees podem se atravessar e se complementar por conta dos efeitos do interdiscurso (COURTINE, 1981).

a) A mudança climática como fenômeno evidente (E1)

O (E1) deixa evidente a mudança climática como um fenômeno socialmente percebido, isto é, com consequências já concretizadas na sociedade. Na construção discursiva elaborada pela revista destacam-se fatos e episódios que ilustram como a mudança do clima vem provocando efeitos preocupantes e danosos ao ser humano e ao meio ambiente como um todo.

SD3 – De lá para cá, **as notícias sobre o clima só pioraram**. O ano de 2016 se encaminha para **ser o mais quente de que se tem notícia desde 1880**, quando a Nasa passou a monitorar as temperaturas de toda a Terra — **o recorde anterior** foi de 2015, e antes ainda, de 2014.

SD11 – Em agosto deste ano, os moradores aprovaram nas urnas a realocação do vilarejo, já que a área onde estão hoje, em uma ilha no Estreito de Bering, **encolhe dia a dia por um processo de erosão da costa, acelerado pelo aumento do nível do oceano**.

SD13 – Como se fosse um navio que se livra da carga, **a Groenlândia tem subido em média quatro centímetros por ano**, à medida que **toneladas de gelo derretem** — elevação vantajosa, porque é mais rápida que a do oceano.

SD19 – Um dos indígenas entrevistados no documentário Para Onde Foram as Andorinhas? questiona: “Como vamos saber o tempo da nossa história **acontecer se já perdemos os sinais que marcam o tempo?**”

SD21 – “Dentro do Xingu, a temperatura é 5°C menor. O fato é que **o clima fora dessas áreas de floresta é muito pior, mas a nossa percepção é grosseira. A denúncia no filme é brutal, mas traz uma denúncia muito mais forte por baixo**”, diz Márcio Santilli, sócio-fundador do Instituto Socioambiental, uma das ONGs responsáveis pela obra.

O sentido construído sobre a mudança climática a partir do (E1) é observado não apenas em vários dizeres da ciência, mas também na fala de um indígena (SD19) extraída de um documentário. Um dos produtores da obra e ativista ambiental (SD21) também aparece

como locutor associado a este ponto de enunciação. Ao trazer essas outras vozes, a construção discursiva do dossiê extrapola elementos da chamada racionalidade instrumental (LEFF, 2010), pois incorpora outros saberes também necessários para a compreensão acerca da problemática do clima. No entanto, muitas vezes, os efeitos do fenômeno são apresentados de maneira isolada, como se não estivessem relacionados, em algum nível, aos processos de industrialização desenfreados que prejudicam o equilíbrio climático. A seguir, discorreremos sobre as vozes filiadas ao (E2).

b) A mudança climática será ainda pior no futuro (E2)

O (E2) foi verificado em sequências discursivas que sublinham os futuros impactos drásticos para a humanidade causados pela mudança do clima. O sentido construído por *Galileu* se ancora em previsões de especialistas em questões climáticas. Dentre as consequências enfatizadas estão o desaparecimento de países e a migração forçada de milhões de refugiados do clima.

SD22 – Apesar do sorriso no rosto enquanto dançava, ele, que ficou em sexto lugar, queria chamar a atenção da mídia internacional para um problema sério. **Seu país, Kiribati, está condenado a desaparecer.**

SD25 – Ao todo, **200 milhões de pessoas terão de se mudar até 2050**, segundo o Relatório Stern, encomendado pelo governo britânico.

SD26 – Além de Shishmaref, **outras 30 cidadezinhas do estado norte-americano têm de dez a 20 anos para fazerem as malas antes que fiquem debaixo d'água**, estima a ONG The Arctic Institute.

SD27 – Mesmo que a temperatura da Terra suba somente até o limite estipulado no Acordo de Paris, por causa da elevação do oceano, **o Brasil vai ficar com diversas áreas litorâneas debaixo d'água**, de acordo com previsões de cientistas.

SD36 – Para o homem branco, se a percepção não é aguçada o bastante, as previsões científicas indicam o futuro do país: **parte da costa ficará debaixo d'água mesmo se a meta do Acordo de Paris for cumprida.**

Fazem parte do (E2), sobretudo, vozes de locutores relacionados à esfera científica, como podemos notar em (SD25), (SD26) e (SD27). Percebe-se elementos associados ao alarmismo e catastrofismo nos dizeres associados a este ponto de enunciação. É preciso sublinhar que sentidos em torno das previsões científicas sobre o clima não são indiferentes às dinâmicas do produto revista, visto que é também uma finalidade desse tipo de publicação provocar sensações no público para manter esse interessado no que está sendo narrado (VILAS BOAS, 1996).

c) A mudança climática pode ter algum lado bom (E3)

O (E3) destaca que embora a mudança do clima esteja permeada por efeitos perversos, há também algo de positivo em torno do problema. Neste ponto de enunciação, observamos dizeres que chamam a atenção para possíveis dimensões positivas do fenômeno, tais como: a oportunidade de negócio e conseqüentemente lucro para alguns setores e a prosperidade de regiões até então pouco rentáveis como a Groenlândia.

SD37 – O **aquecimento global não é necessariamente ruim** para todos; empresas já encontram **oportunidades de novos negócios**.

SD39 – “**A partir deste momento, muitos podem ficar ricos**”, escreve o jornalista norte-americano, que visitou de fábricas de neve a seguradoras de áreas sujeitas a queimadas.

SD40 – Para Mariana Nicolletti, gestora da Plataforma Empresas pelo Clima do GVces (Centro de Estudos em Sustentabilidade) da Fundação Getúlio Vargas, também no Brasil **empresas estão atentas a novos negócios, principalmente em biocombustíveis e no setor florestal**.

SD43 – O antropoceno, a era do Homem — nomenclatura defendida por geólogos para definir os tempos em que vivemos, com grandes mudanças naturais provocadas pela ação humana —, **é a hora de a Groenlândia poder prosperar**, após anos e anos com território quase inteiramente coberto de gelo, pouco favorável a atividades econômicas.

SD44 – Ao menos é nisso que **acreditam políticos e empresários animados** com o fato de que o país não só não vai **afundar como ainda vai se erguer em consequência do aquecimento global**.

O (E3) se desdobra nas vozes da repórter e também de outros locutores, como um jornalista (SD39) que destaca como algumas áreas estão aproveitando as conseqüências da mudança climática para alancarem êxito em seus negócios. Verifica-se nessa zona discursiva um tom otimista em relação ao futuro, em que a problemática do clima é reconhecida como uma questão não apenas permeada por danos e prejuízos, mas também por ganhos e lucros diversos. Tais dizeres se vinculam, em alguma medida, com a racionalidade instrumental, uma vez que a problemática do clima é pensada a partir dos mecanismos das forças produtivas do mercado e da tecnologia (LEFF, 2010).

d) A mudança climática é um problema assimétrico (E4)

O (E4) coloca em cena diferenças relacionadas à contribuição para a geração e aceleração da mudança do clima entre os países. Assim, o sentido construído evidencia que

embora historicamente algumas nações contribuam mais para a alteração climática por conta de suas atividades industriais, as regiões menos desenvolvidas costumam ser as mais vulneráveis aos efeitos do problema. Assim, a questão também é colocada como pertencente ao âmbito da justiça social.

SD45 – **Bloco do mal**: veja **quem lidera as emissões de gases de efeito estufa** no planeta.

SD46 – **Países pouco populosos**, mas com **grande produção de petróleo**, lideram **emissões** per capita.

SD47 – A mudança climática costuma ser formulada como uma questão científica, econômica ou ambiental, **e não como uma questão de justiça humana, como deveria ser com mais frequência**. Isso também precisa mudar.

SD48 – Para Tuvalu e outras pequenas nações, o problema é justamente esse: **poucos se importam com o seu futuro**.

SD49 – Nas cúpulas do clima, a Aliança dos Pequenos Estados Insulares, que tem 44 países-membros, **é uma das vozes que tentam gritar mais alto**.

Sendo o enunciador mais residual no dossiê de Galileu, o (E4) congrega dizeres que caracterizam a mudança climática como uma questão associada aos modos de produção insustentáveis das sociedades contemporâneas, assim como ao imaginário economicista que prega um desenvolvimento sem limites éticos (LEFF, 2006). Essa zona discursiva, no entanto, não está livre de simplificações, como a que ocorre na (SD45), em que o pensamento binário “bem contra mal” é utilizado para elucidar as assimetrias da questão.

A mudança climática tem a ver com nossas ações (E5)

O (E5) ressalta que a mudança do clima concerne ao comportamento humano. Neste ponto de enunciação, são construídos sentidos associados ao reconhecimento da dimensão antropogênica do problema, assim como maneiras de enfrentá-las por meio de medidas de mitigação e adaptação.

SD50 – A **humanidade se supera**. Neste ano, o nível de dióxido de carbono na atmosfera atingiu o recorde de quase 410 partes por milhão — medida de CO² no ar em relação a outros gases.

SD51 – Mas **o custo**, claro, é uma questão relativa. O **programa da Holanda para reacomodação de populações tem orçamento de US\$ 3 bilhões**, escreve o jornalista McKenzie Funk no livro *Caiu do Céu*, “mais do que a soma de tudo o que já foi gasto por todos os fundos de mudança climática internacionais reunidos”.

SD55 – Só com **melhoria no desmatamento**, principal fonte de emissões do país,

já se devem atingir os objetivos da Conferência do Clima de Copenhague em 2009 (reduzir entre 36,1% e 38,9% as emissões até 2020) e do Acordo de Paris (diminuir 37% até 2025 e 43% até 2030).

SD62 – **Refleta sobre o custo para o planeta** ao comprar produtos que viajam quilômetros e quilômetros para chegar até você. **Adapte o seu cardápio** aos alimentos da estação e da região. **Procure também** vestir marcas locais.

SD70 – Tudo que adquirimos e deixamos de consumir desperdiça toda a energia gasta na sua produção. **Livrar-se das emissões geradas** não é tão fácil quanto jogar aquele produto vencido na lixeira. **Consuma com parcimônia**.

As vozes filiadas ao (E5) enfatizam como a mudança climática está vinculada ao agir humano, tanto no que se refere à geração do problema, como também as medidas de enfrentamento. De modo geral, verifica-se um forte investimento de dizeres (SD62) (SD70) que circunscrevem a questão num nível individual, buscando estabelecer uma relação direta e emocional com os leitores, característica do discurso das revistas (BENETTI, 2013). Há também a presença de alguns dizeres que tratam a questão num plano mais macro (SD51) (SD55). A seguir, apresentamos nossas considerações finais acerca do estudo.

5. Considerações Finais

O desequilíbrio do clima é um problema complexo, marcado por várias dimensões e interesses envolvidos. Este caráter multifacetado do fenômeno suscita a construção dos mais diversos sentidos, como observado na análise do dossiê da revista *Galileu*. Nosso gesto interpretativo verificou que a publicação construiu discursivamente a mudança climática com base em pontos de enunciação específicos. Os locutores presentes na matéria se filiam à enunciadores que trazem pontos de vistas particulares, mas não necessariamente excludentes. A maioria dos locutores mapeados está associada à esfera da ciência, o que explica a racionalidade científica como dominante na construção discursiva da revista.

Vale ressaltar que o saber da ciência dialoga com o perfil editorial de *Galileu*, que historicamente se volta para a abordagem de temas diversos a partir de perspectivas do âmbito científico. Apesar de a matéria especial agregar um número expressivo de locutores oriundos da ciência, observamos que tais vozes não entram em conflito, não divergem na compreensão de aspectos fulcrais do problema. Pelo contrário, aparecem se complementando e reforçando determinados pontos de vista ao longo do dossiê.

A baixa presença de locutores que reconheçam a mudança climática para além dos contornos da ciência tem como resultado uma construção discursiva sobre o problema

fortemente embasada em exemplos e episódios globais. Contudo, em alguns momentos, a revista ainda busca aproximar a problemática do clima dos seus leitores quando lança mão de dizeres prescritivos e utilitários. Por essa zona discursiva, destacam-se sugestões e conselhos para as pessoas enfrentarem individualmente a mudança do clima. Também é notório a ênfase nas dimensões antropogênicas do fenômeno. *Galileu* concebe a alteração climática como uma questão atual e extremamente urgente, que merece mais atenção, discussão e ação de vários atores sociais, incluindo seus leitores.

De maneira geral, as vozes e os sentidos sobre a mudança climática no dossiê da revista reconhecem o problema sem conectá-lo à chamada crise ambiental contemporânea, a outros processos de degradação do meio ambiente que se intensificam há várias décadas. Em algumas passagens da matéria, no entanto, aspectos relacionados à justiça social evidenciam uma racionalidade complexa, ecológica e solidária para pensar a mudança do clima. Porém, o que predomina ao longo da construção discursiva da revista são os dizeres que enfatizam os impactos já concretizados e esperados no futuro.

Referências

BOYKOFF, Maxwell T. **Who speaks for the climate?** Making Sense of Media Reporting on Climate Change. USA: Cambridge University Press, 2011.

BENETTI, Márcia. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto**: Porto Alegre: PPGCOM/UFRGS, 2006, v. 14.

_____. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia** (PUCSP), São Paulo, v. 15, p. 13-28, 2008.

_____. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico de Mello B; SCHWAAB, Reges (Org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, pp; 44- 57.

FLORES, Nathalia. **Identidades midiáticas**: a construção da identidade de ciência na revista *Galileu*. 2011. 161f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria. RS, 2011.

LEFF, Enrique. **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Epistemologia ambiental**. Tradução de Sandra Valenzuela; revisão técnica de Paulo Freire Vieira, 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2010.

MARIANI, B. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922- 1989).

Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

SCHWAAB, Reges. ZAMIN, Angela. O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. **Vozes & Diálogo**. Itajaí, v. 13, n. 01, jan/jun, 2014.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2008.

TAVARES, Frederico de Mello B. **Ser revista e viver bem**: um estudo de jornalismo a partir de Vida Simples. 2011. 468 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS, 2011.

_____. Entre objetos, objetos no entre: Revista, Jornalismo Especializado e Qualidade de Vida. **Contemporânea** (UFBA), Salvador, v. 6, p. 1-22, 2008.

VIANNA, Sérgio Besserman. Apresentação. IN: GIDDENS, Anthony. **A política da mudança climática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

WINCH, Rafael Rangel. **Trajetos de sentidos sobre a mudança climática na Discursivização da revista Superinteressante (1995-2015)**. 2017. 173 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação Midiática) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2017.